



PROFESSOR X ORIENTAÇÃO SEXUAL: UM NOVO OLHAR AOS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN PARA UMA VIDA SEXUAL SAUDÁVEL

Elaine da Silva¹
Zilma A. S. Othman²

Resumo: O presente trabalho pretende averiguar a visão que os professores têm sobre a sexualidade de alunos com síndrome de Down, bem como as dificuldades encontradas pelos educadores que atuam nas escolas especializadas e da rede regular de ensino, da cidade de Campo Mourão/PR. A Síndrome de Down é uma condição genética caracterizada pela presença de um cromossomo a mais nas células e acarreta um variável grau de retardo no desenvolvimento motor, físico e mental. A sexualidade está presente em nossas vidas desde quando nascemos e na adolescência ocorre o processo de transição, onde passa-se de criança para a fase adulta, dando espaço às mudanças do corpo, que começa a ganhar formas e com os Down não é diferente. Para a realização do projeto, optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratória, bibliográfica, uma pesquisa-ação, a escolha da amostragem se dará por acessibilidade, será utilizado questionário e os dados serão analisados e tabulados.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Professor. Educação Sexual.

1. INTRODUÇÃO

O despertar da sexualidade, a cada dia, tem sido precoce e a busca por informações para sanar dúvidas, e curiosidades, torna-se uma necessidade entre crianças e, principalmente, adolescentes. Muitos procuram essas informações na internet, revistas e até mesmo com colegas mais velhos, por julgarem que estes tenham mais experiência.

A busca por uma vida sexual ativa e satisfatória envolve os adolescentes, os quais estão cheios de hormônios e ansiosos para sua primeira relação amorosa. A família tem um papel importante na orientação sexual dos filhos, mas, infelizmente, devido a alguns preconceitos, se cala e deixa essa tarefa para a escola.

A escola, pautada nos PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1997), acrescenta no Currículo Escolar os temas transversais e encontra entre eles a orientação

¹ Professora especialista do curso de Pedagogia da Faculdade Integrado de Campo Mourão - PR

² Professora mestre do curso de Pedagogia da Faculdade Integrado de Campo Mourão - PR

sexual, a qual deve ser trabalhada como uma “intervenção pedagógica” com o intuito de levar, até seus alunos, informações relacionadas à sexualidade. Com essa intervenção pretende-se desfazer tabus, valores e crenças, associadas à sexualidade e, ainda não podendo deixar de abordar a questão de gênero, o qual se relaciona, culturalmente, à diferença sexual tomada em nossa sociedade, que pode ser manifestada no indivíduo. Com tudo isso, passa-se a construir a identidade sexual dos mesmos.

Sabe-se, porém, que mesmo constando no Currículo Escolar que o professor deve trabalhar o tema orientação sexual e discutir a questão de gênero com seus alunos em sala de aula, muitos professores não se encontram preparados, pois estão rodeados de incertezas tabus e preconceitos, ainda mais quando se deparam com aluno com Síndrome de Down, o qual ainda é visto como um indivíduo sem sexo.

A sexualidade faz parte de todo ser humano e está relacionada às manifestações de carinho, afeto, desejo, sendo que isto começa desde da concepção até a morte, e, as manifestações da sexualidade estão presentes na criança, no adolescente, no adulto e até a terceira idade, independente do sexo, cor, etnia, ou deficiência. (VITIELLO, 1997) E, então, porque ainda o Down é visto com um ser assexuado?

O Down ainda é visto com um ser assexuado devido às suas limitações intelectuais, por isso os educadores acreditam que não tem condições de aprender nada relacionado à sexualidade, por serem mais lentos. Os adolescentes com Síndrome de Down manifestam sua sexualidade da mesma forma que os demais, se masturbam, querem beijar, namorar e, também, ter uma vida sexual ativa, satisfatória, um relacionamento afetivo. E, para isso, os educadores devem estar preparados para abordar essa temática. (MAIA e RIBEIRO, 2009)

Mas, será que os professores das escolas de rede pública, e das escolas especializadas estão preparados para abordar o tema sexualidade com alunos com Síndrome de Down, buscando esclarecer as dúvidas de forma competente, orientando-os para uma vida sexual ativa e saudável?

Afim de levantar dados que possam auxiliar na resolução do problema, pretende-se verificar a visão que os professores têm sobre a sexualidade de alunos com Síndrome de Down, realizando uma pesquisa-ação, para que se possa modificar os conceitos errôneos que alguns professores apresentam em relação à sexualidade do aluno Down.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Sexualidade e Síndrome de Down

A adolescência é a fase mais esperada, onde se deixa de ser chamado de criança e passa-se a ter a denominação de “adolescente”. Esta fase é entendida, de acordo com Vitiello (1997), como a fase de transições biopsicossociais, ou seja, o momento das transformações físicas, psicológicas e sociais deste indivíduo.

Vitiello (1997, p.25) destaca, ainda, que a adolescência “[...] é um período caracterizado pelas transformações biológicas e pela busca da definição de um papel social, determinado pelos padrões culturais do meio. [...]”. Com essas transformações inicia-se o processo que conduz este adolescente ao seu desenvolvimento pleno, num tempo em que deixa de ser criança e caminha para ser um adulto, a sexualidade faz parte destas transformações, uma vez que, todos os cuidados estarão voltados para as mudanças do corpo.

No período da puberdade, que corresponde ao comportamento orgânico da adolescência, o indivíduo volta suas atenções para as mudanças do corpo e concentra suas energias nos processos psíquicos de perda do corpo infantil e de aceitação das novas formas. [...] (VITIELLO, 1997, p. 36)

São nessas mudanças que o corpo da criança/adolescente passa a ganhar características do corpo do adulto. E, dentre essas mudanças estão o desenvolvimento muscular, crescimento dos pêlos pubianos, do tamanho do pênis, o aumento dos seios nas meninas e, como se isso não bastasse, sentem a necessidade de terem a primeira relação sexual. Mas, para que isso aconteça, saudavelmente, deve-se obter as informações necessárias a fim de iniciar uma vida sexual ativa, bem como conhecer o seu próprio corpo.

A sexualidade é algo que está presente na vida do indivíduo desde sua concepção até a morte. As manifestações sexuais fazem parte da vida do homem e da mulher e, este prazer, não pode ser negado, nem mesmo sufocado ou escondido. O ser humano deve conhecer seu corpo, falar de sexo, prazer, amor, realizando isso de forma natural, pois são manifestações que fazem parte da vida sexual do mesmo.

Viu-se anteriormente que a sexualidade faz parte da vida das pessoas e ela torna-se mais intensa na adolescência devido às mudanças que ocorrem no corpo, e, como este

processo ocorre em todos os indivíduos, os adolescentes com Síndrome de Down também passam pelo mesmo processo.

A Síndrome de Down é uma das mais comuns e se dá devido a um acidente genético. Tem esse nome porque quem a descobriu foi o médico inglês John Longdon Down (MAIA e RIBEIRO, 2009, p. 20).

Sendo a Síndrome de Down uma condição genética, ela se caracteriza pela presença de um cromossomo a mais nas células, acarretando um retardo no desenvolvimento motor, físico e mental. Esse erro genético pode ser dividido em três tipos: a trissomia simples, mosaicismo e translocação. (DANIELSKI, 1985)

Os três tipos de erro genético constituem três formas de configuração da síndrome de Down. Na maioria das crianças ocorre a trissomia livre; nas demais pode ocorrer o mosaicismo, que mescla células trissômicas e células normais; e também, de modo mais raro, a translocação quando um “pedaço” do cromossomo 21 se descola e adere em outros cromossomos. (MAIA e RIBEIRO, 2009, p. 20)

Dos três tipos de erro genético o mais comum é a trissomia simples ou, como é mais conhecida, a trissomia do cromossomo 21, ou seja, o bebê apresenta um cromossomo a mais no lugar de 46 cromossomos (os quais são herdados 23 do pai e 23 da mãe), ele, apresenta 47. As características dessa síndrome podem ser divididas em: hipotonia (flacidez muscular), comprometimento intelectual (atraso no aprendizado) e fenótipo (aparência física) (STRAY-GUNDERSEN, 2007).

Mas, em relação à sexualidade do Down, em que esse erro genético interfere? Infelizmente, muitos pais e professores acreditam que são assexuados, outros já afirmam que é sexualmente degenerado, ou mais aguçado do que o normal. Esses pensamentos errôneos criam mitos em torno da sexualidade da pessoa com essa Síndrome.

Maia (2005 *apud* MAIA e RIBEIRO, 2009, p.23) descreve o primeiro mito em relação à sexualidade como sendo “[...] a idéia de que as pessoas com deficiência não têm sexualidade, isto é, são assexuadas, angelicais. Daí vem uma idéia de deficiência relacionada à infância e, portanto, à pureza.” A autora citada vem esclarecer esse mito deixando claro que o aluno Down tem sua sexualidade como qualquer outra pessoa. Ela ainda acrescenta que o Down deve ser respeitado para que possa amadurecer e desenvolver-se como qualquer outro jovem, deixando fluir seus desejos sexuais.

Acreditar que essas pessoas não têm sexualidade é um modo de desconsiderar a possibilidade de expressar o direito de viver o erotismo humano, a afetividade, relacionamentos amorosos e ou sexuais e ainda construir família e exercer a maternidade e paternidade (MAIA e RIBEIRO, 2009, p. 24).

Negar a sexualidade do jovem com Síndrome de Down é criar um preconceito, e, isso seria como se a sexualidade deles fosse diferente dos outros seres humanos, portanto devem ser privados de sentirem desejo e provar do prazer que o sexo pode lhes proporcionar.

O segundo mito que Maia (2005 *apud* MAIA e RIBEIRO 2009, p.24-25) relata:

[...] é a idéia de que as pessoas com deficiência têm uma sexualidade exagerada, que são pessoas hipersexualizadas. Esta idéia vem sendo construída a partir da observação da ocorrência frequente, em pessoas com deficiência, de comportamentos considerados inadequados socialmente. Muitas pessoas julgam a sexualidade da pessoa com deficiência como sendo exagerada quando estão diante de comportamentos como a masturbação pública, os toques e assédios inapropriados [...].

Essas manifestações sexuais acontecem e são consideradas socialmente incorretas e exageradas, pelo simples fato dos jovens com Síndrome de Down não terem recebido uma orientação sexual correta de seus pais e educadores. Braga (2009, p.265) afirma que “a escola, que tem por função social a transmissão da aprendizagem formal, científica e organizada historicamente, ainda apresenta inúmeras dificuldades em trabalhar a temática da sexualidade, em todos os aspectos [...]”. Por este motivo, ressalta-se a necessidade de investigar como está o trabalho de orientação sexual nas escolas e de forma os professores estão abordando essa temática, uma vez que, essas manifestações não podem ser justificadas e associadas à síndrome, mas sim à falta de orientação.

Se estas pessoas têm desejo sexual e desejo de amar e ser amado irão, especialmente na puberdade e adolescência, expressar estes desejos nas situações mais diversas. Se nada lhes for ensinado estas expressões serão consideradas “inadequadas” pelo meio social e isso aumenta a discriminação e o julgamento de que a sexualidade deles é “diferente”. (MAIA e RIBEIRO, 2009, p.25-26).

Os jovens “ditos normais”, ou seja, que não têm nenhuma síndrome, sentem vontade de manifestar seu desejo, de beijar, ou fazer algo que lhes proporcionarão prazer

como: se masturbar ou, até mesmo, passar a mão na “bunda” da colega de sala. Muitos não fazem isso em público porque tiveram uma orientação em casa ou, até mesmo, na escola e, caso algum mais “safadinho” venha a manifestar sua sexualidade em público, a sociedade não irá associar essa manifestação a uma deficiência e, sim, pode-se ouvir “ele é jovem e está com os hormônios à flor da pele”. Ao passo que, se for um jovem com síndrome de Down, esse será considerado um “tarado”, um “doente”, “não sabe o que faz”.

[...] A escola é o espaço da não-sexualidade. Não apenas nela vigora, explícita ou implicitamente, a interdição a qualquer manifestação da sexualidade juvenil, como também dela emanam, inevitavelmente, recomendações tendentes ao adiamento do exercício. (AQUINO, 1997, p. 49)

Se os alunos com Síndrome de Down nunca receberam orientação sobre a sua sexualidade é porque esta faltando estratégias educacionais satisfatórias, a fim de que esses mitos sejam modificados, para que os pais e educadores não os vejam mais como “aberrações”, “tarados”, ou, até, seres assexuados. Aquino (1997, p. 50) destaca que “[...] a função da escola é construir individualidades [...], e é dessa maneira indireta que dará sua contribuição ao amadurecimento da sexualidade juvenil, uma enorme transformação precisa ser realizada no seu interior”.

Para que a visão distorcida em relação à sexualidade dos Down seja desfeita é preciso pensar, e repensar em como abordar essa temática tão temida por pais e professores. Com relação à orientação sexual das pessoas com deficiência Maia (2006) destaca que as discussões sobre esse tema vêm a cada dia ganhando mais espaço e que a sociedade: “[...] tem enfatizado que a orientação sexual para a pessoa com deficiência é necessária para ajudá-la a entender a sua sexualidade e a usufruir dela, desenvolvendo adequadamente suas interações e relações pessoais. [...]” (p. 229).

Maia (2006) ainda salienta que os pais e professores têm a preocupação com relação à sexualidade, mas infelizmente apresentam dificuldade em aceitar as expressões sexuais dos deficientes. Por isso a autora descreve que a orientação sexual não deve acontecer somente na adolescência, mas sim desde a infância, uma vez que, “[...] a orientação sexual seria ainda mais eficaz se oferecida na infância e adolescência visando a prevenir comportamentos inadequados e a proporcionar o desenvolvimento de uma sexualidade plena e prazerosa. [...]” (MAIA, 2006, p. 229).

Estamos vivendo a era da informatização devido ao avanço tecnológico as informações chegam cada vez mais rápidas, as escolas já estão equipadas com televisão, DVD, computadores sem falar na internet, e mesmo assim tenta-se esconder ou ocultar as informações quando o tema é sexualidade.

Supor que os adolescentes com deficiência devam ser privados de uma orientação sexual sistematizada para não despertar neles o interesse pelo sexo é uma crença sem fundamentos, pois qualquer jovem ou criança hoje recebe constantemente informações sobre sexo, através de colegas, conversas, meios de comunicação, principalmente pela televisão. (MAIA, 2006, p. 230)

Chega de vermos os jovens com Síndrome de Down como eternos bebês, eles podem sim ter uma vida sexual ativa. Buscaglio, 1997, p. 359 apud Maia, 2006, p. 231, relatam que “muitas pessoas parecem trazer a falsa convicção de que quanto menos as crianças excepcionais souberem sobre sexo, menos provável será que pratiquem o sexo [...]” mas o autor salienta que de nada isso adiantará, pois eles terão as mesmas experiências e mudanças físicas, emocionais e sexuais que as crianças e jovens sem deficiência.

Como a Síndrome de Down se trata de um erro genético e causa diversos comprometimentos, os pais tendem a super proteger os filhos achando que eles serão eternas crianças, e não imaginam eles namorando e muito menos mantendo relação sexual, uma vez que muitos familiares ainda julgam que eles são assexuados, mas no aspecto sexual, ainda há muito a se esclarecer aos pais. Já se sabe que existe diferença no desenvolvimento sexual tanto dos meninos como nas meninas com a síndrome.

No caso do sexo feminino, sabemos que a fertilidade já é comprovada, já que existe vários episódio de reprodução entre as mulheres Down. Já no caso do sexo masculino, há contestação com relação à fertilidade. Mas o que não podemos negar é que ambos podem ter uma vida sexual ativa desde que recebam as devidas orientações por parte da família, escola e professores.

3. CONCLUSÃO

Como a pesquisa ainda está em andamento, é impossível estabelecer alguma conclusão com relação à visão que os professores da cidade de Campo Mourão têm sobre a sexualidade dos alunos com Síndrome de Down, bem como as suas dificuldades e de que forma a orientação sexual desses alunos vem sendo trabalhada em sala.

Com relação ao epílogo dos estudos bibliográficos fica claro que a adolescência é um momento de desafios tanto para os jovens com, ou sem, síndrome de Down, como para seus familiares. É um período de transformações e mudanças físicas, as quais são acompanhadas por modificação de comportamento e sentimento. O período de transição onde se deixa de ser criança e passa-se para a adolescência é um período conturbado para qualquer um, e com relação aos adolescentes deficientes apresentam maiores dificuldades, e se tratando da Síndrome de Down, podemos observar seus atributos físicos, os quais não se diferem dos jovens normais, a diferença que se estabelece é que no caso do Down eles precisam de um preparo, orientação e constante acompanhamento para terem uma vida sexual ativa e mais independente.

Ao contrario do que muitos pensam, eles podem se reproduzir. Os jovens em geral são inférteis, mas isso não interfere na busca do prazer, pois eles sentem vontade de namorar e casar, podendo ser hetero, bem como, homossexuais. O erotismo está presente na vida do Down como na de qualquer outra pessoa, com ou sem deficiência.

4. REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BRAGA. Eliane Rose Maio. Orientação sexual escolar: a necessidade do estudo no curso de pedagogia. *In:* RODRIGUES, Elaine; ROSIN, SHEILA Maria. (Org.). **Pedagogia 35 anos:** História e Memória (1973 - 2008). 1 ed. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DANIELSKI, Vanderlei. **Síndrome de Down** – uma contribuição à habilitação da criança Down. São Paulo: Ave Maria, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. (organizadora) Pedagogias da sexualidade. *In: ____*. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomas Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 09-34.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi e RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Orientação sexual e síndrome de down:** esclarecimentos para educadores. Bauru: Joarte Gráfica e Editora/UNESP – F. C., 2009.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e deficiências.** São Paulo: Editora UNESP. 2006.

STRAY-GUNDERSEN, Karen. **Crianças com síndrome de Down:** guia para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade:** quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.